

# Resumo de notícias econômicas

06 de Outubro de 2021 (quarta-feira)

Ano 3 n. 189

Núcleo de Inteligência da Sedet



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO E TRABALHO

# PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 06 OUTUBRO DE 2021

## **Brisanet, fundada por ex-vendedor de parabólicas, disputa 5G com gigantes (06/10/2021)**

### **Broadcast**

A Brisanet, maior operadora de internet do Nordeste, já desenhou a estratégia para disputar o leilão do 5G, daqui a um mês. A companhia vai brigar pelo bloco regional da faixa de 3,5 Ghz a partir da qual poderá passar a oferecer internet móvel a seus 754 mil clientes de banda larga fixa, TV por assinatura e telefonia, como alternativa às grandes teles Vivo, Claro, TIM e Oi.

A união da internet móvel por 5G com a banda larga por fibra óptica será o “combo perfeito”, na definição do fundador, acionista controlador e presidente da Brisanet, José Roberto Nogueira. “O 5G é o complemento que a gente estava procurando”. Mais do que negócios, a estratégia representa um novo capítulo de um sonho antigo de Nogueira: levar conectividade a sua região de origem.

O empresário, de 56 anos, é o caçula de dez irmãos de uma família de agricultores de Pereiro, cidade do Ceará a 342 quilômetros da capital, Fortaleza. É ali que fica a sede da Brisanet desde a fundação, há 22 anos. “Nascemos com a proposta de trazer desenvolvimento para a nossa região”, diz. Nogueira migrou cedo para São José dos Campos (SP), onde conseguiu um emprego na Embraer. Não demorou para retornar à cidade natal e colocar em prática os primeiros experimentos em telecomunicações. Começou vendendo antenas parabólicas para os moradores do sertão. Em 1997, investiu US\$ 10 mil para importar e adaptar equipamentos de internet via rádio – um ramo praticamente inexplorado na época.

A Brisanet deslanchou, tornando-se um operador relevante no segmento das pequenas e médias empresas. Em 2010, já tinha mais de 30 mil clientes no interior nordestino – região historicamente deixada em segundo plano pelas grandes teles.

Embora a procura pela internet via rádio fosse alta, Nogueira sabia que esse modal não duraria muito, pois não comportaria as velocidades mais altas de navegação do futuro.

Então, decidiu apostar em fibra óptica – algo que, uma década atrás, era incipiente até mesmo em países com tecnologia de ponta como Estados Unidos, China e Coreia do Sul. No Brasil dessa época, as conexões nas capitais eram baseadas em cabos de cobre. “Entendemos que tínhamos de fazer uma transformação completa da rede. E o cobre também não seria suficiente para a demanda futura”, diz.

## **Indústria recua 0,7% em agosto, mostra IBGE (06/10/2021)**

### **Broadcast**

Em meio a problemas de oferta e de demanda, a indústria brasileira amargou em agosto o terceiro mês seguido de perdas. A produção recuou 0,7% em relação a julho, segundo a Pesquisa Industrial Mensal divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado foi pior do que o estimado por analistas do mercado financeiro ouvidos pelo Projeções Broadcast, que esperavam um recuo mediano de 0,4%. Dos oito primeiros meses de 2021, a indústria cresceu em apenas dois deles: janeiro e maio.

Na passagem de julho para agosto, houve perdas em 15 das 26 atividades investigadas pela pesquisa do IBGE, com destaque para os segmentos de outros produtos químicos, derivados do petróleo, veículos e farmacêuticos. Apenas sete atividades industriais se mantêm operando em patamar superior ao do pré-pandemia.

“Os obstáculos são de diferentes ordens: do lado da oferta, ainda há gargalos na obtenção de insumos e pressão de custos; do lado da demanda, a inflação corrói poder de compra da população em um quadro de elevado desemprego. Além disso, o ambiente de incerteza se mantém, renovando suas causas sob os riscos da crise hídrica e da tensão política”, enumerou o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

A gestora de recursos XP Investimentos prevê nova retração na produção industrial em setembro, de 0,5%, embora ainda aguarde informações para fechar essa estimativa. “As restrições na oferta de insumos, a crise hídrica e os patamares elevados

das cotações de commodities energéticas (petróleo e gás) tendem a impedir uma recuperação consistente da indústria de transformação brasileira no curto prazo”, justificou o economista da XP Rodolfo Margato.

Para o economista-sênior do Banco ABC Brasil, Daniel Xavier, a queda de agosto seguiu a dinâmica esperada de impactos na fabricação de automóveis e eletrodomésticos devido à escassez de insumos. “Basicamente, um quadro de desarranjo das cadeias produtivas globais, escassez de insumos e aumento de custos também”, disse Xavier.

## **Ex-funcionária eleva pressão para regulação do Facebook (06/10/2021)**

### **Reuters**

No Senado dos EUA, Frances Haugen, ex-funcionária do Facebook, acusou a companhia de priorizar lucro em detrimento de segurança e falou de possível impacto negativo do Instagram sobre jovens. Ela sugeriu a adoção de idade mínima de 16 ou 18 anos para as plataformas. Mark Zuckerberg afirmou que acusações “não fazem sentido”.

O dia seguinte ao apagão que tirou do ar os aplicativos do Facebook, incluindo Instagram e Whatsapp, não foi menos tenso para a empresa de Mark Zuckerberg. Ontem, Frances Haugen, ex-funcionária do Facebook, participou de audiência no Senado dos EUA, em que expôs a lógica da companhia de priorizar o crescimento em detrimento da segurança e jogou luz sobre caminhos de regulação para as redes sociais. O depoimento ocorre após a revelação de negligência da empresa na moderação de conteúdo – que caminha para ser a maior crise do Facebook desde o escândalo Cambridge Analytica, em 2018. Frances, que trabalhou como gerente de produto na equipe de integridade cívica do Facebook, foi a responsável por trazer a público pesquisas internas que mostram que a empresa negligenciou a moderação de conteúdo de suas plataformas. Parte das denúncias envolve a relação do Facebook com crianças e adolescentes. Esse também foi o foco da audiência.

Frances repetiu o que vem sendo divulgado por meio dos documentos vazados. Ela afirmou que o Facebook priorizou o crescimento em detrimento da segurança dos usuários e que a empresa sabe do impacto negativo do Instagram sobre jovens. Além de perguntas sobre como a rede manuseia dados, gerencia algoritmos e se dedica a problemas de segurança, os senadores fizeram questionamentos sobre a visão de Frances em relação a legislações americanas como a Seção 230, que garante regras sobre liberdade de expressão e moderação de conteúdo na internet, a Lei de Proteção à Privacidade da Criança na Internet e regulações de proteção de dados.

“Não consertaremos isso sem a ajuda do Congresso”, afirmou Frances na audiência. “O Facebook não fará essas mudanças por conta própria. Aceitei o risco pessoal de vir a público porque acredito que ainda temos tempo para agir”.

## **Sem peças, venda de carro novo cai 25% e afeta PIB (06/10/2021)**

### **Broadcast**

A escassez de semicondutores derrubou a produção da indústria automobilística brasileira. O resultado em setembro foi o pior para o mês em 16 anos. Haverá impacto no PIB, embora economistas ainda não consigam avaliar dimensão. A crise que tem prejudicado a produção, levou a indústria automobilística brasileira a registrar a quarta queda mensal seguida nas vendas de veículos novos, por falta de produtos no mercado.

Por ser um setor de longa cadeia produtiva, envolvendo diversos segmentos como os de peças, plásticos, vidros e eletrônicos, deve gerar implicações para outras atividades industriais e para a área de serviços. Haverá impacto no PIB, embora os economistas ainda não consigam avaliar a dimensão.

O resultado em setembro foi o pior para o mês desde 2005, com vendas de 155 mil automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus. O volume é 25,3% menor do que o de igual mês de 2020 e 10,2% inferior ao de agosto de 2020. No acumulado do ano foram vendidos 1,57 milhão de veículos, 14,8% superior ao resultado de 2020, um dos piores anos da história do setor por causa dos efeitos da pandemia. “Estamos diante de muitas incertezas e da maior crise de abastecimento de veículos já vivida nos últimos anos”, disse o presidente da Fenabrave, Alarico Assumpção Júnior.

A entidade refez suas expectativas de vendas pela terceira vez no ano e prevê agora um mercado total de 2,15 milhões de veículos, 230 mil a menos do que projetava em janeiro. O crescimento de 16% em relação a 2020 foi reduzido para 4,8%, puxado pelo segmento de automóveis, o mais atingido pela falta de semicondutores e o único que deve registrar queda em vendas no ano.

Rafael Cagnin, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), avalia que, por ser um setor de irradiação em diversos setores, o desempenho da indústria automobilística está colocando mais areia como obstáculo para o dinamismo industrial nos próximos meses. “Há um impacto significativo nas atividades industriais e econômicas de forma geral”, diz.

## **Dizer que o Brasil vai crescer mais de 2% é um exagero (06/10/2021)**

### **O Estado de S. Paulo**

Sem a perspectiva de um crescimento robusto do PIB no ano que vem, o economista Luiz Fernando Figueiredo, sócio-fundador e presidente da gestora de recursos Mauá, diz que o cenário eleitoral contribui para o ambiente de incertezas e o desempenho fraco do PIB, uma vez que os dois candidatos atualmente favoritos na disputa eleitoral, Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, representariam riscos.

Para o economista, o mercado já está mostrando preocupação com o futuro da economia brasileira, com a perspectiva de uma disputa polarizada. “É uma perspectiva de que, depois das eleições, as coisas não vão melhorar”, diz Figueiredo, que foi diretor de Política Monetária do Banco Central. “Dizer que o Brasil vai crescer mais do que 1,5%, 2% ao ano, nos próximos anos, é exagero.”

### **• Há um pessimismo nos mercados por causa dos riscos político e fiscal. Como isso afeta a trajetória da recuperação no País?**

Na minha visão, a percepção do que acontece (na economia) está descolada da realidade. Na situação fiscal, o que se projetava no início do ano era desastroso. Não foi o que aconteceu. A melhora é relevante. Mas, quando se olha para os mercados, parece que estamos na iminência de ter uma explosão fiscal. Os preços dos ativos sugerem que

estamos indo para o caos. A nossa Bolsa tem o pior desempenho do mundo. Nossa taxa de câmbio, entre países relevantes, é a mais depreciada. A curva de juros reflete um risco de descontrole inflacionário.

- **O que leva a essa percepção?**

Um fator é o estresse entre o presidente Bolsonaro e as instituições, como o STF, que agora parece ter se acalmado. Por conta desse estresse, há dúvidas sobre como será a política fiscal. Outro fator é porque, a gente não vê nada bom vindo da eleição de 2022. A terceira via tem uma probabilidade baixa. Mas hoje a gente vê dois polos.

- **Qual o impacto de um cenário com Lula e Bolsonaro no segundo turno?**

No final, é uma perspectiva de que, depois das eleições, as coisas não vão melhorar. E o Brasil precisa mudar muito. Precisa dar espaço para que o País possa ganhar dinamismo, possa prosperar. E o mundo cresceu nesse período 3,5%, 4% ao ano. O Brasil não só está parado. Ele ficou, e está ficando, mais para trás.

- **Há quem diga que houve avanços das reformas. O sr. discorda dessa visão?**

Os problemas são estruturais. O Brasil está cuidando deles só na superfície. Por exemplo: a reforma administrativa que está no Congresso. É uma reforma sem-vergonha que, inclusive, coloca o Estado e o funcionalismo numa situação pior do que existe hoje. O Brasil teima em não cuidar dos problemas de uma maneira efetiva.

- **Nesse ambiente, o que esperar para a economia em 2022?**

A perspectiva de crescimento mais razoável no ano que vem está indo por terra. Tem gente falando em menos de 1%. Na minha visão, os números não indicam um crescimento de menos de 1%. Na Mauá, o nosso número é em torno de 1,5%. O que, na realidade, também é muito ruim. Infelizmente, a chance é muito grande de o País continuar patinando durante um tempo longo. O mundo vai voltar a crescer os seus 3% a 4% ao ano, ganhando dinamismo de novo. E o Brasil, com essa perspectiva de não ir para nenhum lugar. Dizer que o Brasil vai crescer mais do que 1,5%, 2% ao ano, nos próximos anos, é um exagero. É um escândalo o Brasil não melhorar as condições de um contingente muito grande da sua população, que vive numa condição muito ruim.

- **O sr. começou a entrevista dizendo que a situação fiscal melhorou. Essa melhora está sendo ignorada ou subestimada?**

Quando se leva o risco institucional ao nível que a gente viu, o mercado passa a levar o risco fiscal para cima. O caminho é de uma melhora fiscal. E não estou fazendo juízo de valor. Isso é um fato. As coisas, desse ponto de vista, melhoraram, e não pioraram. Mas é uma situação frágil. Pode vir um novo governo e querer mudar isso.

## **Produtos mais acessíveis à classe de baixa renda têm reajustes maiores (06/10/2021)**

### **Folha de São Paulo**

Embora outros fatores tenham entrado na lista de pressões sobre a inflação, como energia e gasolina, o campo ainda continua dando uma forte contribuição. Ao contrário do que ocorre normalmente nos meses de agosto e de setembro, os aumentos médios dos alimentos têm sido recordes nos dois últimos anos neste período.

Em 2021, a alta do grupo alimentação atingiu 3,7% no bimestre, uma taxa não registrada nem na crise de alimentos em 2012. No mesmo bimestre daquele ano, a inflação do setor ficou em 2,84%, conforme dados da Fipe.

O campo, que tem ajudado a levar a inflação atual para uma taxa próxima de dois dígitos, não dará muito alívio nos próximos meses. Os preços das commodities continuam em patamares recordes internamente, e os produtos que iniciaram tendência de baixa, como arroz e milho, ainda se mantêm em níveis elevados, em relação à média histórica.

As causas dos aumentos de preços não são recentes. Demanda externa intensa e real desvalorizado são fortes incentivos às exportações. Com isso, o país traz para dentro a pressão dos preços internacionais dos alimentos.

Mais recentemente, porém, um novo fator de elevação foi acrescentado aos produtos brasileiros: o efeito clima. Seca e geadas, acrescentadas à demanda externa, elevaram os preços internos para um degrau recorde. Isso reflete nos preços ao consumidor. A população de menor renda tem sido afetada ainda mais do que a de maior poder aquisitivo. Os produtos mais consumidos pela população de menor renda têm tido reajustes com taxas maiores.

Dados da Fipe indicam que a carne bovina subiu, em média, 28,7% nos últimos 12 meses terminados em setembro. As carnes mais nobres, como a picanha, tiveram

elevação de 20%, enquanto músculo, coxão duro e fígado subiram acima de 32% no mesmo período. Carne seca, salsicha, farinha de milho e outros produtos mais populares estão com reajustes acima da inflação média dos alimentos do período.

## **CIÊNCIA E LEGALIDADE NA COP 26 (06/10/2021)**

### **Folha de São Paulo**

A CNA entrega ao governo o posicionamento do setor sobre a COP 26, em Glasgow. O documento reitera o compromisso do produtor rural com a redução das emissões, mas pede que a comunidade internacional reconheça os esforços já realizados pelo setor. A CNA destaca cinco temas como relevantes. Um é o mercado de carbono, que deverá ter regras claras, ser prático e viável. O Acordo de Paris reconheceu que a agropecuária é parte da solução para mitigação dos efeitos do clima. Por isso, a CNA recomenda a criação de um plano visando a implementação das ações.

Outro ponto é sobre a necessidade de os maiores emissores financiarem as ações de mitigação e adaptação. Para a CNA, as ações de adaptação e de mitigação podem ser incentivadas também por meio de recursos de fundos, com adoção de tecnologias, boas práticas e assistência técnica. A entidade salienta ainda que a produção e preservação devem ser pautadas pela ciência e pela legalidade. Afirma que o novo código florestal é um instrumento normativo.

## **Auxílio temporário pode incorporar ‘vale-gás’ (06/10/2021)**

### **O Estado de S. Paulo**

Integrantes do governo e do Congresso discutem incorporar o pagamento de um “vale gás” à concessão de um auxílio temporário emergencial. O benefício seria dado à população de baixa renda para enfrentar os efeitos da crise social provocada pela pandemia da covid-19 e pela elevação dos preços de energia e combustíveis.

Esse auxílio temporário seria separado do novo programa social do governo que vai substituir o Bolsa Família, batizado de Auxílio Brasil. Os dois programas conviveriam por um período predeterminado. Nesse arranjo, a política social permanente receberia

um reajuste no valor do benefício, cuja média hoje está na casa dos R\$ 190 mensais. Não está descartada a possibilidade de o benefício do novo programa ficar abaixo dos R\$ 300,00 – em torno de R\$ 250,00, por exemplo.

A proposta é separar o que é política temporária, com prazo para acabar e público-alvo bem definido, de gasto permanente, como o novo programa social do governo. As lideranças políticas querem que o auxílio temporário fique fora do teto de gastos, a regra que limita o crescimento das despesas à variação da inflação, e com um público a ser definido posteriormente. Há uma preocupação nessa ala com o público que hoje recebe o auxílio emergencial e ficaria fora do Auxílio Brasil, superior a 20 milhões de brasileiros. Para tentar mostrar compromisso com a sustentabilidade da dívida pública frente ao gasto extra, a ideia é reforçar o caixa do governo com receitas extraordinárias (por exemplo, a monetização de ativos).

A ideia de ter um auxílio temporário para a população mais pobre lidar com o impacto da alta de combustíveis, gás e energia é vista como viável por integrantes da equipe econômica, mas desde que as despesas estejam dentro do teto de gastos.

Auxiliares do ministro da Economia, Paulo Guedes, são radicalmente contra prorrogar o auxílio emergencial ou fazer um auxílio temporário com as despesas fora do teto, e já marcaram posição dentro do ministério em relação a esse ponto. Para eles, com a reabertura da economia, a redução na curva de casos e de mortes e o avanço da vacinação, não haveria como justificar a edição de um crédito extraordinário para prorrogar o auxílio com recursos fora do teto de gastos. Um cenário muito diferente do que aconteceu no início deste ano, quando a extensão da ajuda a vulneráveis foi feita no auge da segunda onda da covid-19 no País.

Simulações internas da área econômica apontam que seria possível acabar com a fila do Bolsa Família corrigindo o benefício o suficiente para repor perdas da inflação com um gasto adicional de R\$ 11 bilhões. Nesse cenário, o benefício médio subiria para R\$ 225,00. Em paralelo, seria concedido um adicional de R\$ 100,00 como benefício temporário, com custo em torno de R\$ 19 bilhões, mas dentro do teto de gastos. Esse adicional abarcaria o vale gás e mitigaria o impacto também do aumento de energia para a população de menor renda. A equipe econômica almeja que o pagamento seja feito ao mesmo público do programa social.

## Setor de imóveis mantém o otimismo (06/10/2021)

### Broadcast

As incertezas com relação ao quadro político e econômico têm alimentado a desconfiança de boa parte dos agentes econômicos. Mas há animadoras exceções. Os bons resultados do mercado de imóveis na capital paulista têm sido mais do que suficientes para manter o otimismo desse segmento responsável por grande volume de emprego e com poder de impulsionar o crescimento da economia.

A Pesquisa do Mercado Imobiliário da cidade de São Paulo realizada pelo sindicato da habitação, o Secovi-sp, mostrou que também em agosto se manteve o desempenho observado desde o início do ano, com crescimento das vendas e dos lançamentos de imóveis residenciais novos.

No mês, foram vendidas 6.611 unidades, 23% mais do que em julho e 4,1% acima do total comercializado um ano antes. No acumulado dos oito primeiros meses do ano, as vendas somaram 41.919 unidades, 51,9% mais do que em igual período do ano passado. Os lançamentos em agosto somaram 7.749 unidades residenciais novas na capital, 11,8% mais do que os do mês anterior. No ano, foram lançadas 41.797 unidades, 106,5% mais do que o volume registrado nos oito primeiros meses de 2020. “Foi o segundo melhor resultado da série histórica para o mês de agosto”, destacou o economista-chefe do Secovi-sp, Celso Petrucci.

Problemas que preocupavam o setor até há pouco parecem superados. O aumento dos preços dos insumos, por exemplo, que vinha sendo apontado como risco para a continuidade do crescimento do setor, preocupa menos. Os reajustes agora estão alinhados com a inflação – que, observe-se, se acelerou nos últimos meses.

O presidente do Secovi-sp, Basilio Jafet, confia na política monetária do Banco Central e acredita que “voltaremos à meta da inflação em breve”. Confiança é essencial num segmento, como o setor imobiliário, que atua com projeções e expectativas de médio e longo prazos. A previsibilidade, completa Jafet, é fundamental tanto para as empresas do setor como para as famílias dispostas a assumir compromissos financeiros de até 30 anos. O Secovi-sp prevê que, no ano, serão lançadas entre 70 mil e 72 mil

unidades, com aumento de 17% a 20% sobre o ano passado; as vendas podem crescer entre 21% e 26%.

## **Lira quer votar mudança no ICMS de combustíveis (06/10/2021)**

### **O Estado de S. Paulo**

O presidente da Câmara, Arthur Lira, disse que vai colocar em votação na próxima quarta-feira, 13, uma proposta para mudar a base do cálculo do ICMS cobrado sobre os combustíveis. Segundo ele, essa mudança pode baratear a gasolina em até 8%, o álcool em 7% e o diesel em 3,7%.

Lira apresentou a proposta para líderes governista na noite de segunda-feira e para oposição ontem. Segundo ele, há um acordo para se votar o texto na semana que vem sem obstrução ou mesmo destaques – pedidos de alteração feitos após a aprovação do texto principal. A mudança no cálculo, segundo ele, vai considerar a média dos preços dos combustíveis nos últimos dois anos. Cada Estado aplicaria a sua alíquota de ICMS sobre esse preço médio. “Uma média dos dois exercícios anteriores, para que se faça uma contabilização de quanto se custa a gasolina em 2019 e 2020. Se acha um valor, a esse valor se imprime o valor ad rem, ou seja, fica fixo por um ano, e você multiplica, sem interferência nenhuma em nenhum Estado, pelo imposto estadual que cada governador escolher como alíquota”, afirmou.

“Os aumentos que são dados nos combustíveis pelo petróleo e pelo dólar, o ICMS é um primo malvado. Ele contribui e muito para o aumento dos combustíveis de forma sempre geométrica”, afirmou. Para ele, os fatores externos fazem com que, neste momento, o imposto estadual precise de um tratamento “mais tranquilo”. “Mas cada um sabendo que não estamos aqui trabalhando contra governos estaduais”, disse.

Lira, no entanto, admitiu que a arrecadação dos Estados pode recuar. Os governos já demonstraram resistência a mexidas no imposto. Um estudo feito pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM) aponta que uma eventual mudança no ICMS sobre combustíveis para um modelo de alíquota única e fixa por litro de etanol, diesel ou gasolina – como já foi defendido por Lira – resultaria em perda de arrecadação

de R\$ 5,517 bilhões para 20 Estados. Como o imposto é repartido com prefeituras, isso significaria um repasse R\$ 1,379 bilhão menor para seus respectivos municípios.

Pelo estudo, se essa mudança fosse implementada, seis Estados acabariam tendo aumento de arrecadação. São Paulo seria o principal ganhador, com um incremento de R\$ 3,865 bilhões. Por isso, uma proposta de fixar uma única alíquota de ICMS seria “neutra” do ponto de vista agregado, mas não sob o aspecto regional, argumenta a CNM, que considera qualquer projeto nesse sentido “inviável”. “A União está dizendo que os Estados são os culpados (pela alta dos combustíveis), porque o ICMS é muito alto, mas ninguém mexeu em alíquota”, disse o presidente da CNM, Paulo Ziulkoski, que culpa as políticas federais pela disparada dos preços.

***Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.***

***Assessoria de Comunicação – Sedet***

***Fone: (85) 3444.2900***

***[www.sedet.ce.gov.br](http://www.sedet.ce.gov.br)***

## INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualizado no dia 26.08.2021

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 17/06/2021.

Notas: (\*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (\*\*) Valores projetados, sujeitos a revisão;

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUL)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.406,49
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.742,31
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-335,82

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Brasil ( R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,21
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	91,18

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até junho) (base: igual mês ano anterior) (%) – CEARÁ				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,0	2,1	-22,0	26,8
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,2	-2,3	-13,4	5,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,5	-1,1	-16,3	4,9
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	4,2	2,9	-15,8	18,3
INFLAÇÃO (Acumulado até julho)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA -BRASIL	2,83	2,54	0,90	5,81
IPCA -FORTALEZA	1,79	3,50	1,84	7,21
INPC - BRASIL	2,83	2,55	0,80	5,01
INPC - FORTALEZA	1,96	3,31	1,73	6,20
IGP-M	5,94	4,79	6,71	15,98

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
Força de trabalho (mil)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.631 (48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até julho)
<b>Ceará</b>	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.809	1.569.938
<b>Nordeste</b>	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.355	8.930.303
<b>Brasil</b>	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.630.932	49.479.236

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

\* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

\*\* O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

Saldo de Empregos Gerados - Acumulado - 2020 - CEARÁ						
	2020			2021		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
JAN	36.806	34.391	2.415	41.170	33.710	7.460
JAN-FEV	74.862	65.408	9.454	85.446	66.708	18.738
JAN-MAR	108.795	106.877	1.918	120.804	104.395	16.409
JAN-ABR	121.809	155.609	-33.800	151.363	131.936	19.427
JAN-MAI	136.612	181.915	-45.303	183.072	159.599	23.473
JAN-JUN	156.057	204.187	-48.130	221.170	188.461	32.709
JAN-JUL	184.009	226.332	-42.323	264.242	218.113	46.129
JAN-AGO	218.898	249.959	-31.061			
JAN-SET	256.917	275.933	-19.016			
JAN-OUT	300.873	304.085	-3.212			
JAN-NOV	341.536	329.998	11.538			
JAN-DEZ	372.208	358.217	13.991			

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN – JUL)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
<b>Abertura</b>	41.167	49.078	47.641	66.099
<b>Fechamento</b>	60.103	18.328	15.794	21.012
<b>Total</b>	-18.936	30.750	31.847	45.087

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-JUL)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	9.996.015	8.914.954	9.215.552	11.659.544

Fonte: CIPP

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-MAR)			
	2019	2020	2021
<b>Ceará</b>	2.931.400	2.789.513	3.001.983

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.